



# COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

---

## [Recensão crítica a 'Antero de Quental em Vila do Conde', de Luís de Magalhães]

João Bigotte Chorão

Para citar este documento / To cite this document:

João Bigotte Chorão, "[Recensão crítica a 'Antero de Quental em Vila do Conde', de Luís de Magalhães]", *Colóquio/Letras*, n.º 175, Set. 2010, p. 245-246.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Luís de Magalhães

## ANTERO DE QUENTAL EM VILA DO CONDE

Recolha, prefácio e notas de Ana Maria Almeida

Martins

Lisboa, Tinta da China / 2010

Exemplos de dedicação exclusiva, ou quase exclusiva, não faltam também no campo da literatura. Investigadores e exegetas como Alexandre Cabral, A. Campos Matos, Ana Maria Almeida Martins escreveram obras de referência sobre Camilo, Eça e Antero, em que não sabemos que mais admirar, se a fidelidade a autores que escolheram para o seu estudo, se a erudição e argúcia, apresentando novas propostas e esclarecendo velhos mistérios. São livros de todo indispensáveis para conhecer melhor aqueles escritores, e conhecer aqui tem o seu antigo significado bíblico. Dir-se-á mesmo que para tão grande amor é sempre curta a vida.

Quem quiser aprofundar o conhecimento de Antero, tanto o homem como o escritor, encontra na bibliografia anterior de Ana Maria Almeida Martins vasta e inovadora matéria. Citem-se, entre tantos títulos, a excelente *Fotobiografia* de Antero, a recolha, em três volumes, das *Cartas* do grande epistológrafo, algumas publicadas pela primeira vez, a edição fac-similada do *In Memoriam*, de 1896.

Para esse *In Memoriam* foi relevante o contributo de Luís de Magalhães, que para ele escreveu «A Vida de Antero», prevalecendo-se do íntimo conhecimento do autor dos *Sonetos*. Mas, indo além da dramática biografia, apontou as três fases que, segundo ele, balizam o itinerário intelectual e moral do homem e do escritor: a da fé na acção, a da descrença niilista e a do equilíbrio entre essas forças contraditórias, síntese também do pensamento

filosófico anterior. Decisivo, ainda, o papel de Luís de Magalhães em estimular colaboradores relapsos do *In Memoriam* ou tolhidos pelo seu perfeccionismo, como Eça, na muito elaborada e admirável evocação do seu velho companheiro de Coimbra.

O ensaio de Luís de Magalhães foi agora incluído por Ana Maria Almeida Martins na colectânea *Antero de Quental em Vila do Conde*, onde ocupa nada menos de 25 páginas. Texto de primacial importância, sobretudo como testemunho pessoal e como retrato de uma crise que, sendo do Portugal de ontem, parece anunciar profeticamente o Portugal de hoje (v. p. 69-70).

O título do livro dá realce a Vila do Conde, onde Antero viveu de 1881 a 1891. Partindo nesse ano para os Açores, onde tentava fixar-se, deparou com obstáculos que não pôde ou não soube suplantar. À desilusão veio juntar-se um clima ingrato, e essas circunstâncias negativas armaram, inesperadamente, a mão do suicida. Não lançou ferro na sua ilha, mas sob uma simbólica âncora da esperança é que disparou o tiro fatal.

Nessa Vila do Conde, então «sossegada, silenciosa, quase morta», nessa Vila do Conde viveu Antero a sua meditativa reclusão, num despojamento austero. Do seu eremitério saía só para algum passeio nocturno ao longo da praia ou para, no Porto, visitar o fraterno amigo Oliveira Martins, num diálogo de dois espíritos agónicos, ou para, em Moreira da Maia, abraçar o anfitrião Luís de Magalhães na sua Quinta do Mosteiro. O testemunho de Luís de Magalhães é a memória de uma geração — a famosa geração de 70 —, que tinha em Antero a sua grande referência moral. A admiração de Luís de Magalhães não é puramente intelectual porque releva de um culto que chega à idolatria. Filho do admirado tribuno José

Estêvão, dir-se-ia que o filho herdara do pai alguma da eloquência que ecoa nos seus escritos.

«Eu tenho, como poucos, o culto dos mortos», confessa Luís de Magalhães, fruto porém mais de sensibilidade elegíaca que de necrolatria. Algumas das suas melhores páginas são pois artigos *in memoriam*, em 1971 compilados pelo zelo do Dr. Miranda de Andrade no volume *Campo Santo*, a quem se deve também a publicação de outros dispersos ou inéditos de Luís de Magalhães. Homem de princípios, respeitava quem os tinha diferentes dos seus.

Dois artigos necrológicos integrados neste livro já figuravam nesse *Campo Santo*. Outros foram recuperados de jornais onde dormiam esquecidos ou conservados em espólios hoje no Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea, da Biblioteca Nacional. Aqui e em hemerotecas os desencantou a diligente pesquisa de Ana Maria Almeida Martins. Estes textos evocativos de Luís de Magalhães têm grandes afinidades com o memorialismo do Bulhão Pato de *Sob os Ciprestes*. O que mais perdura desses autores são as páginas de memórias, embora Luís de Magalhães seja lembrado ainda pelo romance *O Brasileiro Soares*, reabilitação da personagem caricaturalmente alvejada por Camilo, e pela carta-prefácio de Eça que é uma velada crítica (*et pour cause...*) ao velho leão de Seide. Ao qual o espírito de rectidão de Luís de Magalhães não deixou aliás de prestar justiça.

Na alta temperatura emocional de Luís de Magalhães, depara-se por vezes uma espécie de oásis, como quando escreve que a biografia de Antero «é a história da sua alma». O que logo nos remete para o título do diário espiritual daquela que designamos, afectuosamente, por Santa Teresinha, *Histoire d'une âme*, embora outra Teresa, a de Jesus, a mística espanho-

la representada na biblioteca de Antero, atraísse esse «místico sem fé», como lhe chama Luís de Magalhães.

Uma nota final: na página 49, fala-se do «visionário de Patmos», que em rodapé identifica como S. Paulo, quando, na verdade, é S. João.

João Bigotte Chorão

**Ernesto Rodrigues**

5 DE OUTUBRO

UMA RECONSTITUIÇÃO

Lisboa, Gradiva / 2010

### 1. O AUTOR

*5 de Outubro. Uma Reconstituição* prolonga a característica *exótica* do labor da pesquisa de Ernesto Rodrigues, que, assumindo o século XIX como horizonte principal da sua investigação, faz convergir a História na Literatura, criando entre ambos um novo tecido narrativo, que se pode designar, à falta de vocábulo mais específico, de «cultural». De facto, tem sido integrado nesta perspectiva que Ernesto Rodrigues, mais do que estudioso da História ou perfeito académico da Literatura, tem desenvolvido grande parte do seu trabalho universitário, como se pode comprovar com a recente publicação de *A Corte Luso-Brasileira no Jornalismo Português (1807-1821)* ou *'O Século' de Lopes de Mendonça: O Primeiro Jornal Socialista*, ambos publicados em 2008, ou, no século passado, *Mágico Folhetim. Literatura e Jornalismo em Portugal* (1998), ou, ainda, *Cultura Literária Oitocentista* (1999), para além de ter sido responsável pela publicação de uma antologia da *Poesia* de Camilo Castelo Branco (2008), dos 6 volumes de *As Farpas*, de Ramalho Ortigão, dos 3 volumes de *Actualização do Dicionário de Literatura* de Jacinto do Prado Coelho, e de muitas outras obras, cuja característica principal